

Uma casa de pensamento e ação

Escola nacional de saúde pública Sergio Arouca: uma reflexão pessoal

Jorge Antonio Zepeda Bermudez

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

LIMA, NT., FONSECA, CMO., and SANTOS, PRE., orgs. *Uma escola para a saúde* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2004. 268 p. ISBN 85-7541-047-4. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

9. ESCOLA NACIONAL DE SAÚDE PÚBLICA SERGIO AROUCA: UMA REFLEXÃO PESSOAL

Jorge Antonio Zepeda Bermudez

INGRESSANDO NA ENSP: 1974

Ao ingressar na Escola Nacional de Saúde Pública (Ensp) para aqui iniciar minhas atividades profissionais como técnico de laboratório de nível superior, senti um profundo respeito, admiração e uma imensa alegria. Posso dizer que essas mesmas emoções me acompanham enquanto escrevo estas palavras, muitos anos depois. Posso afirmar, também, com muito orgulho que, pelo fato de ter ingressado nesta casa nos idos de 1974, exatamente em 1º de novembro daquele ano, e por ter passado aqui exatos 30 anos, tive a oportunidade de acompanhar de perto mais da metade de sua história, desses 50 anos que marcaram o Brasil. Ao longo desse período em que atuo na escola, além de técnico de laboratório de nível superior, fui auxiliar de ensino, professor assistente (por concurso em 1976) e, hoje, sou pesquisador titular, além de ter ocupado diversos cargos, dentro e fora da Ensp e da própria Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz).

Naqueles idos dos dias iniciais, em plena época da repressão militar, a Ensp era palco de uma efervescência de idéias, debates, ideais e propostas para avançar cada vez mais nas questões sociais no Brasil. Os debates contagiantes logo me entusiasmaram, pois vinha eu de uma área, embora mais clínica, também envolvida na discussão dos problemas sociais que afligiam o país.

Recém-egresso da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), ao entrar no curso de mestrado em Medicina Tropical – localizado no Pavilhão Carlos Chagas, nos fundos do Hospital São Francisco de Assis na à Avenida Presidente Vargas –, tive meus primeiros contatos com a virologia médica no Departamento de Ciências Biológicas

(DCB) da Ensp, departamento então chefiado por nosso atual pesquisador emérito Luiz Fernando Ferreira. Nesse departamento, estabeleci minha base de interlocução, de debate e de embates, de discussão de propostas, de luta institucional, de efetivo pertencimento. Lembro-me nitidamente que o DCB delimitava, como campos de trabalho e de debates, as áreas de helmintologia, com o próprio Luiz Fernando; protozoologia, com Sérgio Coutinho e Carlos Maurício de Andrade; bacteriologia, com Jarbas Andrade e Maria Diana Lacerda; e virologia, com Hermann Shatzmayr e Akira Homma. É interessante observar que três desses pesquisadores ocupariam mais tarde, em períodos e em circunstâncias absolutamente diferentes entre si, a presidência da Fiocruz.

ANTES DA ABERTURA DEMOCRÁTICA: PRÉ-1985

Na segunda metade da década de 1970, a Ensp fervilhava de com novas propostas. Participamos da gestão colegiada do curso básico de saúde pública, acompanhamos o ingresso de novas lideranças, as discussões do Programa de Estudos Socioeconômicos em Saúde (Peses) e do Programa de Estudos Populacionais e Epidemiológicos (Peppe). Recordo-me com clareza, pois na época participava do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da Escola (Consepe/Ensp). No mesmo período houve uma iniciativa de fortalecimento das atividades de pesquisa biomédica no Instituto Oswaldo Cruz (IOC), parcialmente às custas do esvaziamento de atividades que vinham sendo implementadas na Ensp, o que poderia ser considerado um paralelismo entre ambas as unidades. Com um caminhão de mudanças estacionado na porta da Ensp, o martelar da retirada de bancadas e de divisórias ecoando pelos corredores do prédio, e do sexto andar sendo retirados equipamentos e aparelhagem, que migravam, junto com profissionais, para novos departamentos no IOC, a direção se recusava a colocar o assunto em discussão por não ter recebido nenhuma comunicação formal da presidência da Fiocruz.

Era a esquizofrenia, a permanente visão de jovens contestadores, às vezes referidos como os ‘agitadores de esquerda’ em conflito com a tecnocracia instalada na presidência da Fiocruz, e pesados investimentos financeiros acoplados a tentativas de delimitar espaços de atuação no campo da saúde. Tendo como ministro da Saúde Paulo de Almeida Machado, São Paulo recebia altos investimentos nessa área, e a reação do Rio de Janeiro

era, muitas vezes, entendida como uma contestação ao regime militar – e efetivamente assim o era.

A reforma do Ministério da Saúde em 1976 e as novas diretrizes impressas na saúde a partir de 1979, com Waldyr Arcoverde como ministro da Saúde, levaram um grupo de profissionais do então Serviço Especial de Saúde Pública (Sesp) a assumir a área de controle de doenças do ministério, colocada na estrutura como Secretaria Nacional de Ações Básicas de Saúde, sendo indicado para o cargo de secretário João Baptista Risi Junior. Ao explicitar que, nessa área, precisava do apoio da Fundação Oswaldo Cruz, meu nome foi indicado para a direção da Divisão Nacional de Laboratórios de Saúde Pública. Tais atividades se concentravam até então no Instituto Adolpho Lutz (IAL), de São Paulo, na época reputado o único laboratório de referência para o sistema. Não que fôssemos desconsiderar a excelência do IAL no apoio laboratorial para o controle de doenças, mas trouxemos a discussão para o interior da Fiocruz e reaparelhamos o DCB da Ensp, assumindo, junto ao juntamente com o IAL e um total de cinco instituições de excelência, o papel de Laboratório Nacional de Saúde Pública. Regionalizamos o país, e ficou o DCB responsável pela supervisão e assessoria aos laboratórios nos estados da Bahia, de Minas Gerais, do Espírito Santo e Rio de Janeiro.

Considerando que, além da atuação em âmbito nacional do DCB/Ensp, identificamos e credenciamos também como centros de referência diversas estruturas da Fiocruz, houve, durante vários anos, envolvimento considerável de profissionais da instituição nas atividades de apoio laboratorial ao controle de doenças, água e alimentos nas ações de vigilância sanitária.

Ao também coordenar as atividades ainda incipientes de controle de vacinas para a estratégia de campanhas e dias nacionais de vacinação, estabelecemos as bases para as atividades hoje incluídas no Instituto Nacional de Controle de Qualidade em Saúde (INCQS). Com o apoio da Organização Pan-Americana da Saúde, da Organização Mundial da Saúde (Opas/OMS), inicialmente por intermédio de um grupo de trabalho, incorporamos na rotina as atividades de controle da qualidade dos imunobiológicos utilizados pelo Programa Nacional de Imunização (PNI). O embate político com o setor produtivo, a verificação da qualidade de produtos levaram ao fechamento das atividades da empresa Syntex no Brasil e à crise decorrente de desabastecimento de soros antipeçonhentos e me trouxeram de volta à Fiocruz, cada vez com maior espírito de luta.

A NOVA REPÚBLICA: AROUCA NA PRESIDÊNCIA

Não me caberia discorrer, nesta oportunidade, a respeito das qualidades de Sergio Arouca ou de minha convivência com ele. Apenas quero compartilhar algumas palavras sobre o que significou, como dizem no jargão, ‘tomar o Castelo com ele em 1985’, logo após o convite que recebeu do ministro Carlos Santana, por telefone, para comparecer a Brasília, cuja ligação ele atendeu na sala da direção da Ensp, ao cair daquela tarde immortalizada na fotografia que Christina Tavares, da assessoria de imprensa da presidência, redistribuiu no início do ano passado. O delírio coletivo e contagiante esteve sempre presente em todas as suas atividades, sempre sonhando para o bem.

Foi pelas mãos de Arouca que tive meu primeiro contato com a área das políticas de medicamentos, que abracei desde que ele me instigou a assumir a direção de Far-Manguinhos em 1985, sem ter tido qualquer contato anterior com a área farmacêutica, paixão súbita que me conduziu em uma trajetória profissional nunca premeditada. Assumi também a presidência do Instituto Vital Brazil em 1987, com Arouca na Secretaria Estadual de Saúde e em uma coalizão de forças políticas nas quais sempre tive nele um interlocutor do mais elevado nível. É o Arouca pensador, humanista, político!

Ainda hoje, chego a considerar que minhas passagens por Far-Manguinhos, pelo Instituto Vital Brazil e também na gestão central do Ministério da Saúde nunca me afastaram da Ensp. Pelo contrário; sempre a considerei como uma trincheira de idéias e pensamentos capazes de nutrir o Sistema Único de Saúde (SUS) com a formulação de políticas setoriais e de alternativas inovadoras.

De fato, foi efetivamente na Ensp que encontrei sempre o referencial para nortear a luta política por uma assistência farmacêutica integral e pela busca da equidade; foi na Ensp que dei início a uma aglutinação de profissionais que, pensando a assistência farmacêutica no SUS, geraram o Centro Colaborador da Opas/OMS em políticas farmacêuticas, assim credenciado a partir de 1998, e hoje, sem lugar para dúvidas, um dos mais produtivos centros de discussão dessa área temática no mundo.

Arouca, na presidência da Fiocruz, representou o fortalecimento da presença marcante da instituição nos mais diversos foros nacionais e internacionais; a consolidação do processo de democracia interna, com a

eleição de gestores e o estabelecimento do Conselho Deliberativo; a 8ª Conferência Nacional de Saúde e a luta pelo capítulo de seguridade social da Constituição de 1988, com a premissa de saúde como direito; a criação de novas unidades e a captação de mais recursos; a incorporação de contingentes de força de trabalho. Foi um período absolutamente fértil em idéias, propostas e realizações.

O ano de 2003 ficou marcado pela perda de Sergio Arouca, que partiu precocemente no dia 2 de agosto, após nos deixar encerrar o Congresso de Saúde Coletiva da Abrasco sem causar a comoção que sabia que iria ocasionar. Não saberia dizer se existe também sabedoria no momento de partir. Existe sabedoria na chegada. A chegada de Arouca à presidência da Fiocruz, em 1985, no bojo da Nova República, mudou os rumos da instituição e sua dinâmica, como já foi decantado em todos os eventos recentes. Sua partida, sem dúvida, deixou um vazio em todos aqueles que tiveram o privilégio, em maior ou menor intensidade, de conviver com ele. Nossa Escola Nacional de Saúde Pública passou a incorporar para sempre o nome de Arouca.

A DÉCADA DE 1990

A década de 1990 foi extremamente rica em propostas, inovações e parcerias por parte da Ensp. A retomada do doutorado acadêmico e o ingresso da primeira turma em 1990 foram emblemáticos do elevado nível que esse doutorado assumiria. A investida nos cursos descentralizados; o mestrado interinstitucional; a implementação de bases sólidas na educação a distância; a discussão acerca da consolidação, na estrutura organizacional, de uma coordenação de escola de governo em saúde; as primeiras discussões para a criação de uma fundação de apoio que pudesse dar resposta às novas demandas geradas no âmbito das relações com as três esferas de governo que compõem o SUS; as discussões de uma nova modalidade de curso que privilegiasse os serviços e as relações entre os setores acadêmicos e o SUS; a maior interação com as esferas estadual e municipal; e as atividades de efetiva implementação do controle social, por intermédio da capacitação dos integrantes dos conselhos de saúde, são algumas das principais abordagens que estiveram presentes e que nortearam decisões de relevância para a Ensp, a Fiocruz e o conjunto da saúde pública no Brasil.

A INSERÇÃO DA ENSP NA SAÚDE

Fazemos sempre questão de assegurar, no discurso e na prática, a inserção da Ensp em todas as iniciativas, nacionais e internacionais, no âmbito da atenção e da promoção à saúde. Em uma das primeiras reuniões do Conselho Deliberativo da Fiocruz, em 2002 – ao comparecer Otávio Mercadante, então chefe de gabinete do ministro e depois secretário executivo do Ministério da Saúde, para apresentar a Agenda Nacional de Saúde 2001, regulamentada por portaria em março de 2001 e definindo seis eixos prioritários de intervenção –, asseguramos que nossa Escola, tanto na prestação direta de serviços à comunidade como na implementação de ações de referência, já atuava e contribuía em todos os eixos de intervenção então delimitados.

Diversas publicações elaboradas pelo Ministério da Saúde, pelo Conselho Nacional de Saúde e por organismos internacionais, nas quais são discutidos temas de elevada relevância, nos informam sobre a atuação efetiva da Ensp em praticamente todos os temas abordados.

Da mesma maneira, a Ensp esteve presente na 8^a, 9^a, 10^a, 11^a e 12^a conferências nacionais de saúde e nas diversas conferências específicas, contribuindo, seus pesquisadores, nas discussões prévias, com documentos e propostas, apoiando, questionando, mas sempre ressaltando o controle social como imperativo e fundamental para a consolidação do SUS. É assim que vemos a potencialização da capacidade da Ensp na formulação de políticas setoriais e estratégias de intervenção e, ao mesmo tempo, assegurando excelência a todos os serviços prestados diretamente à população.

No contexto internacional, o Brasil enfrenta o processo de globalização e as inequidades existentes no acesso aos serviços de saúde, a concentração de renda, a exclusão social, monopólios e oligopólios e a dependência tecnológica.

Da mesma maneira que hoje abrigamos o Centro Colaborador da Opas/OMS em Políticas Farmacêuticas, estamos discutindo outras áreas de excelência, entre as quais destacamos saúde e ambiente, junto com a Presidência da Fiocruz e a Opas; controle de doenças não-transmissíveis com a OMS; acesso à atenção para pessoas vivendo com HIV/Aids, junto com Unaid. Estamos, dessa maneira, preparando a Ensp que se integra para se integrar cada vez mais no cenário internacional, no desenvolvimento dos sistemas de saúde, mas sempre privilegiando conjuntamente atividades acadêmicas.

Temos também recebido visitas internacionais de delegações, de intercâmbio, de missões internacionais, de cursos de pós-graduação. Tenho certeza de que, hoje, a Ensp projeta-se para além das fronteiras nacionais, ao estreitar sua interação com a Opas e OMS, bem como com outras agências internacionais.

A ENSP NO CONTEXTO DA FIOCRUZ

Desde a primeira reunião do Conselho Deliberativo da Ensp, em 2001, fizemos questão de que todos os chefes de departamento recebessem uma cópia do Plano Quadrienal da Fiocruz, documento de respaldo para a definição de nossas prioridades e inserção em todos os programas institucionais. Conforme explicitado anteriormente, atualiza-se o papel da Fiocruz como instituição estratégica de suporte ao Ministério da Saúde na interface com a ciência e tecnologia e, portanto, de natureza pública e estatal. Os programas institucionais se constituem em marcos de referência para a definição de ações e prioridades.

Uma série de compromissos de gestão e de luta marca nossa equipe de direção, que trabalha de maneira colegiada. Com vistas a uma maior definição de espaços institucionais, interlocução e parcerias, propusemos e colocamos em prática a estrutura atual da direção, com o gabinete e três coordenações: Escola de Governo em Saúde, pós-graduação e Desenvolvimento Institucional e Gestão.

Nossa excelência acadêmica representa compromisso coletivo da equipe de direção. Nesse sentido, estamos envidando todos os esforços e rigor no processo de avaliação trienal da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e temos certeza absoluta de que estamos no caminho certo. Os elogios à maneira como vem sendo tratada a informação, de acordo com o coordenador da área de saúde coletiva, bem como as avaliações parciais, reforçam a convicção de que estamos caminhando etapa por etapa na busca da excelência. Tudo está sendo feito em nome desse compromisso, assumido desde o primeiro dia de nossa gestão.

Entendemos também a importância da renovação das parcerias e das demandas, geradas por praticamente todos os órgãos do Ministério da Saúde para a capacitação dos quadros dirigentes, seja por intermédio de cursos de especialização, como vem sendo feito com diversos órgãos do ministério, seja com os mestrados profissionais, implementados igualmente

em parceria com órgãos ministeriais e com a própria Fiocruz. Toda esta demanda está sendo analisada, e as ações implementadas, em conjunto com a Presidência da Fiocruz, para seu atendimento consideram sua complexidade e seus reflexos na avaliação de nosso mestrado acadêmico, sob a égide de nossa Coordenação de Pós-Graduação.

A Escola de Governo em Saúde representa um espaço institucional de articulação dos serviços e produtos de apoio imediato ao SUS, respondendo a demandas geradas pelas necessidades das três esferas de governo. Uma série de frentes de trabalho e oficinas vem sendo executada nesse sentido, entre as quais destacamos a promoção da saúde, o programa de saúde da família e a vigilância sanitária, entre outros de igual importância.

Temos investido no Desenvolvimento Institucional e Gestão com propostas de reformulação completa da estrutura, com uma política interna de recursos humanos que se tornou evidente na organização do último concurso público, capacitação interna de nosso pessoal, programa de modernização da gestão e dos processos administrativos, adequação de infra-estrutura e equipamentos, bem como com uma política de informação e comunicação institucional.

A ENSP DE HOJE E O NOVO MILÊNIO

Somos uma Escola de Saúde Pública de grande porte e de grande projeção, não apenas nacional, mas também internacional. Estamos inseridos definitivamente no SUS e no Sistema Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação. Temos, portanto, uma responsabilidade enorme pela frente. Por nossas salas de aula passaram alunos que hoje ocupam cargos da maior relevância no Brasil e também em outros países.

Cabe deixar muito claro que nunca atuamos de forma isolada; pelo contrário, constatamos que a fortaleza da Ensp reside, em grande parte, na capacidade de gerar alianças e parcerias, trabalhar em redes e compartilhar responsabilidades. Instituições sólidas como a nossa são capazes de estabelecer parcerias igualmente sólidas e duradouras. É no trabalho em rede que visualizamos uma abrangência territorial compatível com nossas demandas e com a necessidade de capacitação de recursos humanos que este novo milênio nos traz.

Posso afirmar, também, que a reformatação da estrutura do Ministério da Saúde nos facilitou uma interlocução profícua com o primeiro escalão, fortalecida desde a transição de governo. Temos trabalhado de

modo integral com todas as secretarias, agências reguladoras e com a Fundação Nacional de Saúde (Funasa). Além da renovação e reestruturação do Ministério da Saúde, também acompanhamos de perto os processos de renovação na Opas, em Washington, e na OMS, em Genebra.

Atuamos na saúde pública com o SUS, mas também temos parcerias e atividades conjuntas na região das Américas e, em escala mundial, com a OMS e outros organismos das Nações Unidas. Destaco, em especial, a área de saúde e ambiente com a Opas; o Centro Colaborador da Opas/OMS em políticas farmacêuticas; cooperação com o Canadá, envolvendo a Abrasco, em promoção da saúde; cooperação com França e Chile em gestão hospitalar; cooperação envolvendo o Japão com saúde do trabalhador; com o Centers for Disease Control and Prevention (CDC) dos EUA em avaliação e HIV/Aids; e em diversas áreas com os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (Palops).

Reafirmo que nossa excelência acadêmica representa o compromisso coletivo da equipe de direção. Consideramos também como absolutamente prioritárias as parcerias e as demandas geradas por praticamente todos os órgãos do Ministério da Saúde para a capacitação de seus quadros dirigentes, seja por intermédio de cursos de especialização, ou mestrados profissionais.

Esta é a nossa Ensp: a instituição que se faz presente em todos os grandes eventos relacionados com a saúde, dentre eles os congressos no Brasil e no exterior, os eventos internacionais e, da mesma maneira, as conferências nacionais de saúde e as conferências temáticas específicas, bem como outros grandes eventos, como a Assembléia Mundial da Saúde.

Temos muito orgulho do nosso papel e das atividades que aqui se realizam. Temos orgulho de nossos cursos, das nossas publicações. Quero destacar os 20 anos dos *Cadernos de Saúde Pública*, e seu editor, Carlos Coimbra, e a visão de futuro que tiveram Frederico Simões Barbosa, falecido este ano, e Luiz Fernando Ferreira, nosso pesquisador emérito.

Orgulhamo-nos, sobretudo, de ser a Ensp parte da Fiocruz. Temos, entretanto, ainda muitos desafios pela frente: colaborar na implementação das funções essenciais da saúde pública na região das Américas; contribuir à exatidão com as metas do Plano Quadrienal da Fundação Oswaldo Cruz, com o Plano Pluri-Anual de Governo e com o Plano Nacional de Saúde, sem esquecer o compromisso social com as atividades de ensino, pesquisa e prestação de serviços de referência. A Ensp deve exercer papel efetivo na geração e disseminação do conhecimento, na formulação, implementação

e avaliação de políticas setoriais no campo da saúde e na capacitação de recursos humanos para o SUS.

Olhar o passado vivendo o presente e pensando o futuro. Ousar e implementar esse delírio coletivo que Arouca sempre mencionava. Estas devem ser as diretrizes a nortear nossas ações, nossa prática, nossos compromissos. A Ensp, essa construção coletiva de 50 anos que marcou o Brasil, nos coloca perante o desafio de lutar sempre, ousar cada vez mais e jamais abandonar a utopia.